buscar no site...

Feira de Santana, Sexta, 27 de Janeiro de 2017

André Pomponet

O pior mês da história do mercado de trabalho em Feira

André Pomponet - 25 de janeiro de 2017 | 12h 44

16

A construção civil foi o setor que mais desempregou no ano

Dezembro foi o pior mês da história do mercado de trabalho na Feira de Santana. Em trinta dias, evaporaram precisos 1.031 postos formais. O número é oficial, do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). No período, houve 23 dias úteis, descartando os sábados. Logo, o saldo foi negativo em 44,8 empregos diários; considerando as oito horas diárias da jornada de trabalho, houve assustadoras 5,6 demissões líquidas – o saldo entre admissões e demissões – a cada hora de trabalho.

Desde que a avassaladora crise econômica começou, em meados de 2014, nenhum mês registrou tamanha retração quanto dezembro. Os recordes anteriores em 2016 pertenciam aos meses de maio (-883) e julho (-870). No geral, a retração ano passado totalizou saldo negativo de 6.002 vagas. Perdeu para 2015 (com 6,5 mil empregos extintos), mas supera, em muito, 2014, quando houve 914 demissões a mais que admissões.

Qualitativamente, o mês foi implacável com o trabalhador: o desemprego se irradiou pelos mais diversos setores, alvejando um leque amplo de funções. Mas os mais prejudicados foram os serventes de obra (-115 postos) e os pedreiros (-82 empregos), mostrando que a crise devora, voraz, as oportunidades na outrora festejada construção civil.

CHARGE DA SEMANA

COLUNISTAS

César Oliveira

Prisão, Justiça e conver para a lei dormir

Geddel, a boca do jacar sucessão baiana.

Glauco Wanderley

ACM Neto canta derrot

O governo contra 200, ligeirinhos

André Pomponet

Crônica da cultura do encarceramento

O pior mês da história de trabalho em Feira

Valdomiro Silva

Seja bem vindo, Jorge V

Goleada em Kiev reforç importância do video n

AS MAIS LIDAS HOJE

1 ACM Neto canta derrota

2 Temer diz que duplicação entre Feira e começa em fevereiro

3 Crônica da cultura do encarceramento

LEIA TAMBÉM: Construção civil foi quem mais desempregou em Feira

Mas outros segmentos também foram afetados: 73 operadores de telemarketing perderam suas ocupações; e o comércio varejista – que naquele mês costuma contratar – registrou saldo negativo de 62 empregos. Nem mesmo os motoristas de caminhão escaparam: no ramo, o saldo líquido foi negativo em 47 postos.

E 2017?

As perspectivas para 2017, hoje, são muito menos promissoras do que foram no passado. Organismos multilaterais, instituições financeiras, entidades empresariais e os próprios técnicos do governo preveem que o desemprego deve continuar crescendo, pelo menos, até o mês de junho. E apostam também que a retomada posterior deve ser bastante lenta.

Isso em função do modesto crescimento previsto para o Produto Interno Bruto – PIB. A mais desalentadora das estimativas é a do Fundo Monetário Internacional, o FMI: ínfimos 0,2% para 2017; e irrisórios 0,5% para o próximo ano. No mercado financeiro há mais "otimismo": expansão entre 0,5% e 1% esse ano. Serão dois "pibinhos", conforme a expressão consagrada por Dilma Rousseff (PT), ela própria czarina de magros desempenhos do PIB.

Muitos brasileiros – e feirenses – vão passar os próximos anos se virando como autônomos, abrindo pequenos negócios, encarando empreitadas temporárias, fazendo biscates ou encorpando o já disforme comércio informal. A renda, claro, tende a declinar; e quem permanecer no mercado formal também será afetado, já que a exaltada reforma trabalhista deverá reduzir direitos e ampliar a precariedade.

Seria ótimo olhar para diante e constatar que o pior já passou. Mas não é bem assim que o futuro se desenha. A – até aqui, hipotética – lenta recuperação é parte do baque da crise e deve se arrastar pelos próximos anos; e as propaladas reformas estruturais devem penalizar ainda mais os trabalhadores, precarizando suas condições de trabalho. Lastimavelmente outros dezembros, como o que passou, não estão descartados.

4 Secretaria de Saúde promove capacitaç febre amarela

5 Ajufe sugere Moro e outros 29 juízes p Teori Zavascki no Supremo

LEIA TAMBÉM

André Pomponet

Crônica da cultura do encarceramento

Prefeito Graciliano Ramos é referência para os dias atuais (II)

Prefeito Graciliano Ramos é referência para os dias atuais (I)